

24/08/2016 - 05:00

## Exterior pode ser opção para várias faixas de renda

Por **Lia Vasconcelos**

*Myriam Lund, professora da FGV: o interessante é investir em ativos com volatilidade e que sejam de longo prazo*

Diversificar investimentos é estratégia obrigatória no mundo das finanças pessoais. E para quem pensa que basta variar dentro do Brasil, os especialistas costumam responder que "não é bem assim", pois, apesar de a maioria dos brasileiros achar que investir no exterior é para poucos com muito dinheiro, as opções são maiores do que se imagina mesmo para quem não tem tanto capital.

O Santander, por exemplo, tem fundos cujos investimentos iniciais podem começar a partir de R\$ 10 mil, dos quais 15% a 20% vão para fora do país. São fundos multimercado que mesclam investimentos em ativos como câmbio, ações e renda fixa. Há ainda a opção, para quem tem mais - a partir de R\$ 50 mil -, de se investir 100% no exterior. Apesar de ser possível achar opções para o pequeno investidor, a maior parte desse tipo de aplicação destina-se a quem tem mais de R\$ 300 mil.

"Estamos vivendo agora um ambiente favorável para tomar risco. Lá fora e aqui. Investir fora do país precisa ser olhado como um movimento de diversificação estrutural em que o investidor mescla setores e, como investe em moeda estrangeira, protege seu dinheiro dependendo do câmbio brasileiro. E uma terceira vantagem: participa de diferentes ciclos econômicos", afirma Rudolf Gschliffner, superintendente executivo do Santander.

"A bolsa no Brasil é basicamente composta de commodities e tem poucas empresas de Tecnologia da Informação (TI). Nos Estados Unidos, as companhias de TI representam 20% da bolsa. A maior exposição aos segmentos permite participar de diversos ciclos econômicos. O dólar mais baixo, mais perto dos R\$ 3, representa uma janela de oportunidade para o brasileiro", complementa Gschliffner.

"Não somente nesta época da economia em recessão mas em todos os momentos é muito importante a diversificação de investimentos", diz Ernesto Leme, diretor comercial da Claritas Investimentos. Na sua opinião, do ponto de vista de diversificação do risco, novas classes de ativos não correlacionadas com os riscos locais são capazes de melhorar a performance de uma carteira de investimentos. Isso porque suaviza os choques específicos de cada classe de ativo que compõe a carteira.

Segundo ele, o mercado internacional, além de prover fontes de diversificação aos riscos locais, pode oferecer oportunidades de investimentos em classes que não existem ou são pouco desenvolvidas no país. Um exemplo são as preferred securities, títulos de dívida que são usadas como fonte de capital pelas instituições financeiras globais.

Com a evolução das regras de investimento locais, principalmente com a implementação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) 554 em outubro do ano passado, os investidores passaram a ter um acesso maior aos mercados internacionais.

Há fundos com investimentos até 100% no exterior com aplicação mínima de R\$ 25 mil, desde que seja comprovado que o investidor seja qualificado (que tenha um patrimônio financeiro superior a R\$ 1 milhão). Antes, esses fundos contavam com uma aplicação mínima de R\$ 1 milhão, o que dificultava o acesso. Para o investidor não qualificado, a opção para diversificar é aplicar em fundos que investem até 20% no exterior, onde o montante mínimo de aplicação é muito menor.

"Em termos de perfil e montante, a diversificação faz sentido em todos os casos. Existem soluções que atendem tanto a propensão ao risco, quanto à limitação de investimento inicial. Tudo depende do perfil do investidor", afirma Leme.

Basicamente, existem duas formas para investir no exterior. A primeira é por meio de veículos constituídos no Brasil e derivativos, como, por exemplo, fundos, ETFs (Exchange Traded Fund, que é uma unidade negociável na Bolsa de Valores como se fosse uma ação, mas que é uma cota de um fundo de investimentos) e contratos futuros do S&P 500 (Standard & Poor's 500, índice de mercado americano que consiste em ações de 500 empresas escolhidas, entre outros fatores, de acordo com o seu tamanho, liquidez e setor). A segunda maneira é por meio da abertura de uma conta no exterior.

Mas, entre tantos países, como escolher o melhor investimento? Todos os países que tenham relevância global e um mercado de capitais desenvolvidos são candidatos válidos. Porém é necessário avaliar país por país e ter cuidado em usar uma estratégia bem definida, afirmam os especialistas.

"Recentemente vimos uma massa de recursos buscarem ativos nos mercados emergentes, tanto pela busca por rendimentos, quanto pela manutenção de liquidez no exterior. Se nos lembrarmos da fase entre 2010 e 2013, o humor dos investidores com o mercado emergente era outro. Naquele momento, os ativos dos mercados desenvolvidos eram quem recebiam o interesse dos investidores globais. No Brasil, já temos fundos de ações que trazem a diversificação dos países e setores", esclarece Leme.

"O interessante é investir em ativos com volatilidade para ter ganho real e um investimento mais a longo prazo, o que requer bastante planejamento. O desafio é mostrar que ter 20% lá fora já é interessante", diz Myrian Lund, professora da Fundação Getulio Vargas (FGV). Segundo ela, o que há de mais interessante lá fora para os brasileiros neste momento são os ETFs. "Esse é um título muito interessante para o investidor, pois além de tudo ele paga impostos somente sobre o ganho de capital e no momento do resgate", completa Lund.